

afetos nascentes

O que podem os corpos, as coisas, as imagens, palavras e sons diante da seca e da inundação? Como agir e pensar quando a palavra de ordem se tornou *adaptação*? Com esta exposição, queremos um espaço coletivo de criação audiovisual que propicie vazar sentidos outros. Ressecar os funcionamentos dominantes. Inundar o mundo com outras sintaxes. Promover alianças múltiplas entre cosmopolíticas distintas. Ampliar a disponibilidade de modos de existir e lidar com as mudanças climáticas. Experimentar a noção de adaptação para além das fixações como adequação, acomodação e ajustamento ao que já está dado. Escavar buracos, canais de passagens e proliferações entre conhecimentos, culturas, artes e ciências. Inventar novas solidariedades entre conceitos, materiais, luzes, cores, texturas, ritmos. Convidar à criação de mundos. *Afetos nascentes...*

**De 14 a 19 de novembro
das 9:00 às 20:00**

Museu da Imagem e do Som de Campinas

**Palácio dos Azulejos
Rua Regente Feijó, 859
Centro - Campinas (SP)**

ARTEFATOS EXPOSITIVOS

de 14 a 19 de novembro no MIS/Campinas das 9:00 às 20:00

Poemas vazantes

Zay MPereira

Um poeta de estúdio. Que arrasta os signos e as coisas do mundo para dentro do seu estúdio. Isolando-os dos funcionamentos e movimentos já dados. Limpando-os dos excessos. Transformando-os em matéria-prima de suas criações. Devolvendo-lhes um segredo fundamental: a vida própria que podem adquirir ao se tornarem poemas. Único modo de ter acesso à vida e ao tempo, livres das figurações que marcam nossa experiência. As instalações do artista nesta exposição isolam e iluminam a nossa relação cotidiana com água, dando a essa experiência uma força cenográfica. Criando um universo sensível que atravessa seus interesses e trabalhos há muito anos.

Marmetria

Fernanda Pestana (grupo multiTÃO - Labjor-Unicamp)

vêm... a onda, o tornado, o tsunami, o vento, o tormento... nestas imagens da artista. Vêm como forças mobilizadoras que pareciam imutáveis. Sabe-se que vêm, mas, se a medida de seus efeitos fossem precisas e previsíveis, não haveria tantos registros e arquivos daquilo que se torna ruína. E vem a mudança, o permanente estado de mudança, a inundar as imagens que nos remetem às forças marítimas, às potências do líquido que leva e traz, arrasta e desmonta os componentes de uma esperada paisagem.

Modul-ações

Marcus Novaes, Juliana Aparecida Jonson Gonçalves, Murilo Salvador Collange, AC Amorim (Grupo Humor Aquoso – FE-Unicamp)

A vídeo-instalação propõe abrir a percepção de signos da cidade, como pichações e grafites, à modulação de espaços lisos e em turbilhonamento silencioso como a superfície do oceano. As sobreposições de imagens, sons e intensidades dos signos à multiplicidade da cidade cria intervalos que propulsionam diferenças às ideias de adaptação como correspondência, unidade e equilíbrio.

Aqüiescrituras

Lilian Barbosa, Fernanda Nunes, Ivan Luis Vieira Piffer, AC Amorim (Grupo Humor Aquoso – FE-Unicamp)

Duas superfícies de projeção de imagens e sons narram letras, memórias, cores, tons e linhas. Focalizando a estrutura como uma adaptação às avessas do alfabeto à gramática da reconhecimento, a fenda que se abre entre as duas superfícies é nascente da heterogeneidade.

Succulenta

Ludmila Santos (grupo multiTÃO - Labjor-IFCH-Unicamp)

A proposta da intervenção é ocupar os espaços com a poesia e vê-la em seu movimento de adaptação, absorção, integração e transformação em seu fluxo com o espaço e interação humanos.

Estação experimental

Mariana Barbosa, Marli Wunder e grupo multiTÃO (Labjor-Unicamp) com Susana Dias, Fernanda Pestana, Cristiane Delfina, Natasha Mota e Michele Goncalves

Uma inundação atinge a terra de papel. Jornais e revistas submersos em cores, transparências, luzes, sombras. Palavras e imagens abertas a encontros e composições inesperadas, inauditas. Um convite à dissolução dos funcionamentos já dados dessa terra. O que se pode comunicar com a terra inundada? Os trabalhos de Mariana Barbosa e Marli Wunder são fontes de onde jorram os desejos que movimentam a proposta de uma estação experimental de divulgação científica das mudanças climáticas, na qual o público poderá criar junto com o grupo multiTÃO.

PALESTRAS, PERFORMANCES, OFICINAS E MOSTRA DE FILMES

dia 14 de novembro no MIS/Campinas das 9:00 às 20:00

9:00 às 10:30 – PERFORMANCE (*imediações do MIS*)

Um clima bom para tomar outros banhos

Coletivo Onírico de Teatro - Henrique Dutra, Lis Nasser, Maria Clara Teixeira, Thais Rizzo e Ana Paula Piunti

Baseado nos estudos sobre intervenção urbana, o Coletivo Onírico de Teatro vai desaguar no centro que margeia o Museu da Imagem e do Som (MIS) de Campinas em narrativas imagéticas, sensoriais e performáticas que (re)inventam as formas de se pensar a vida, os espaços e os bens comuns da sociedade. A (não) presença da água como elemento vital e a liquidez dos valores na sociedade de consumo mediam a relação do corpo com a cidade, criando um jogo-limite entre os performers e os transeuntes, entre a ficção/arte e realidade.

10:30 – PALESTRA

Água, mel e caça não podem acabar: a cosmologia do povo Indígena Awá-Guajá e a ameaça do céu cair sobre nossas cabeças

Glória Freitas professora doutora da área de educação, trabalha com narrativas autobiográficas, inclusão e a diversidade étnico-cultural (indígena e lorubá)

Uma oficina que abordará a cosmologia do Povo Indígena Awá-Guajá (povo residente no norte do Maranhão, na Amazônia legal) diz que é na floresta onde é possível adquirir caça, mel e água. Inclusive para os antepassados mortos que vivem no céu. O fim da floresta é trágico, é o fim da vida aqui na terra e no céu. Há um mundo espiritual onde todos os Awá vão viver depois da morte. Os vivos do céu frequentam a floresta aqui na terra para pegar água, mel e caça necessários para boas festas no céu. Os Awá-Guajá consideram que são três coisas que não devem acabar na floresta: caça, mel e água. A floresta é o elo de ligação entre esses dois mundos. Os Awá-Guajá são favoráveis à preservação da floresta e lutam contra o desmatamento por uma convicção relacionada à cosmologia Awá-Guajá. Seres vivos no céu vão morrer de fome, de sede e o céu vai cair sobre nossas cabeças aqui na terra. É possível dialogar/aprender com esta cosmologia e pensar na nossa relação atual com a água?

11:00 – PALESTRA

Mu(n)danças climáticas: os mundos sobre as mudanças que “dançam” nas divulgações-comunicações-(cosmo)políticas indígenas

Patrícia Lora León, doutoranda em Ciências Sociais (IFCH-Unicamp)

As cosmopolíticas indígenas, enquanto experiências particulares do sensível, configuram mundos em movimento, mundos que “dançam”, como nos seus atos rituais, através das imagens, palavras, cantos e músicas. Cosmopolíticas que hoje ganham expressão em formas comunicativas próprias alinhavadas em textos, fotografias ou documentários que visam revelar através delas uma forma de ser, de habitar o mundo, assim como formas “outras” para se (re)pensar as mudanças e transformações contemporâneas da ordem natural e social (mudanças climáticas e ecológicas, desde a perspectiva ocidental). A série documental “Palavras Maiores” produzida pelos povos indígenas da Serra Nevada de Santa Marta na Colômbia revela, nesse sentido, uma compreensão “outra” sobre essas “mu(n)danças” climáticas associadas desde a perspectiva indígena à integralidade das dimensões ética, política e filosóficas da relação do homem com o mundo.

14:00 - OFICINA

Gente-árvore, gente-rio

Coletivo Fabulografias (FE-Unicamp) - Alik Wunder, Alda Romaguera, Alessandra Melo, Angélica Brotto, Ana Bittencourt, Aline Fernanda dos Anjos, Rodolfo Fordiani, Claudio Camargo, Mirna Rolim Oliveira e Diego Talento

Uma oficina que se faz convite às de-vagações fotográficas por um jardim, por uma biblioteca, por uma exposição, por fragmentos de palavras e imagens. Falar a partir de ninguém, fazer comunhão com as árvores, andar à toa feito ave. Procurar por cores sem lugar no tempo dos homens, por luzes que desobedecem a geometria ótica, por híbridos seres. Fotografar, ler, cortar, rasgar, raspar, refotografar, reler, estender traço da palavra e da imagem em direção ao indiscernível: homem-natureza-ficção-realidade.

15:00 - PALESTRA

Dimensões ontológicas do ausente: corporalidades e materialidades, depois que a chuva não veio

Renzo Taddei, antropólogo, professor da Universidade Federal de São Paulo, onde atua no Departamento de Ciências do Mar e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Este trabalho propõe-se a pensar as dimensões ontológicas das secas – no seu viés mais específico das corporalidades e materialidades –, dentro de uma panorama mais amplo do estudo sobre desastres no Brasil, e no contexto específico da seca atravessada por São Paulo.

16:00 - PALESTRA

A história da criação de mundo para os Yorubás: do tudo água à água necessária para viver

Babalarisa Faseyi Dada, do Templo de Obatala em Ile Ife, Nigéria

Vai narrar a história da criação do mundo por Obatalá e falar sobre a importância da água naquele momento de criação e hoje na religião e nas nossas vidas. Na cosmologia do Povo Yorubá antes era tudo água e Obatalá teve que criar blocos de terra e manter a água necessária para vida. Assim foi possível criar a vida aqui na terra.

19:00 - PERFORMANCE

Cantos de rio correr

Mirna Rolim e Nina Neder

É uma intervenção musical e oral que propõe um conjunto de canções e narrativas nascidas na relação de pessoas com os rios, suas águas e percursos. Fruto de uma pesquisa onde as cantoras e contadoras de histórias Mirna Rolim e Nina Neder coletam histórias vivenciadas por diversas pessoas às margens dos rios. A intervenção associa estas narrativas com canções que trazem à tona o universo ribeirinho. Em tempos de seca, estas histórias e canções propõem uma reflexão acerca do valor prático e simbólico que esses seres de água corrente agregam na nossa memória e cotidiano, e chama o olhar para seu papel na nossa constituição enquanto seres humanos, pensantes e sensíveis.

20:00 - MOSTRA DE FILMES E OFICINA

Arquivos interferidos

Oscar Guarin e grupo multiTÃO (Lajbor-IFCH-Unicamp)

Uma mostra de filmes da Amazônia dos mais diversos gêneros (documentários, ficções...), de 1910 a 1950, criada a partir de um acervo praticamente desconhecido reunido por Oscar Guarin em sua pesquisa de doutorado, realizada no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. A mostra será um convite a conversar com o pesquisador que buscou problematizar abordagens distintas: um pensar sobre as imagens, um pensar desde as imagens e um pensar com as imagens; chegando

inclusive a intervir nos filmes em busca de outros modos de afetar. Os espectadores serão convidados a intervir nos filmes ao final da mostra, com seus corpos, com outras imagens, produzindo novos filmes, novos modos de afetar.

TRANSMISSÃO AO VIVO

Coletivo de Mídia Livre VaiLão

Instituições promotoras

Grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes subvertendo ciências, comunicações e educações (CNPq)
Sub-rede Divulgação Científica e Mudanças Climáticas da Rede CLIMA – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe)
Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor)
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Projetos

Mudanças climáticas em experimentações interativas: comunicação e cultura científica (CNPq) – Coord. Carlos Vogt, Susana Dias e Carolina Rodrigues

A dimensão humana das mudanças climáticas em experimentações interativas (Faepex-Unicamp) – Coord. Susana Dias.

Coordenação e organização do evento

Susana Dias, Carolina Cantarino e Fernanda Pestana

Design

Fernanda Pestana

Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

